

## **MODOS DE RESISTIR: QUANDO AS NARRATIVAS DOS TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS E PORTUGUÊS NOS CONTAM AS HISTÓRIAS**

### **WAYS TO RESIST: WHEN THE NARRATIVES OF TRANSLATORS AND INTERPRETERS OF LIBRAS AND PORTUGUESE TELL US THE STORIES**

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado<sup>1</sup>  
Josué Rego da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto é um recorte de uma pesquisa maior que procura problematizar a emergência e a institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português que são produzidos nos modos de resistências surdas a partir das práticas e experiências desse profissional na grade de inteligibilidade da inclusão em nossa contemporaneidade. Foram analisadas narrativas de pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e Português, com idades entre 29 e 55 anos, de diferentes estados da federação. Compreendemos que o Tradutor e Intérprete de Libras e Português tenha se constituído como um dispositivo de gerenciamento de risco dos sujeitos surdos no espaço escolar, na grade de inteligibilidade da inclusão, que se ocupa de administrar as condutas dos sujeitos classificados como público-alvo dessa racionalidade. Acreditamos que em diferentes momentos do seu percurso histórico, esses sujeitos ressoaram em suas práticas, diferentes modos de resistência surda, tanto utópicas como infames.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Resistências. Subjetividades. Língua de Sinais.

**ABSTRACT :** This text is an excerpt from a larger research that seeks to problematize the emergence and institutionalization of the Libras and Portuguese Translator and Interpreter in the imperative of inclusion. It seeks to understand how deaf resistance modes are produced from the practices and experiences of this professional and reflects on his insertion in the inclusive school context. Narratives of people with experience in the area of translation and interpretation of Libras and Portuguese, aged between 29 and 55 years, from different states of the federation were analyzed. We understand that the Libras and Portuguese Translator and Interpreter has been constituted as a risk management device for deaf subjects in the school space, in the inclusion intelligibility grid, which is responsible for managing the behavior of the subjects classified as the target audience of this rationality. We believe that at different times in their historical trajectory, these subjects resonated in their practices, which I understand as modes of deaf resistance, ways of fighting against the power relations of the controls and regulations of deaf bodies in different spaces.

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Educação. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: [profaluvieiramachado@gmail.com](mailto:profaluvieiramachado@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Doutorando em Cognição e Linguagem pela UENF. Tradutor e Intérprete de Libras-Português no Instituto Federal do Espírito Santo. Email: [josuetils@gmail.com](mailto:josuetils@gmail.com)

**KEYWORDS:** Inclusion. Resistances. Subjectivity. Sign Language.

### **Introdução: Iniciando uma conversa...**

Este texto tem como objetivo discutir sobre as resistências surdas nas narrativas dos tradutores e intérpretes do par linguístico Libras e Língua Portuguesa. Assim, trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada: “Resistências surdas: quando as narrativas dos tradutores e intérpretes de libras e português nos contam as histórias”.

Importante frisar que esta pesquisa se deu a partir das discussões iniciadas nos encontros do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos (GIPLES/CNPq/Ufes), na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e faz parte de um projeto de pesquisa maior que trata da formação de tradutores e intérpretes de Libras.

Podemos considerar que o Tradutor e Intérprete de Libras e Português, na conjuntura política da inclusão, tem como um dos objetivos atender às demandas específicas do sujeito surdo. Isto posto, nos propomos a problematizar esse profissional na ótica da grade de inteligibilidade do nosso tempo, entendendo a sua emergência como um “[...] conjunto de práticas possibilitadas por redes de relações em que a experiência se constitui como atmosfera de seu tempo” (LOPES; MORGENSTERN, 2014, p. 186).

Nesse contexto, urge problematizarmos o imperativo da inclusão com suspeitas, para além do seu objetivo político, social e cultural:

Não há fronteiras nítidas, não há regras definitivas, não há razões que sustentem a metanarrativa da inclusão diante de bons questionamentos sobre as delimitações das fronteiras. No entanto, há uma necessidade vital, considerando-se um tipo de racionalidade moderna, para que as fronteiras de in/exclusão sejam mantidas (LOPES, 2007, p. 18).

Nossa hipótese é de que, em diferentes momentos do seu percurso histórico, esses sujeitos ressoaram em suas práticas modos de resistência surda, formas de lutar contra as relações de poder dos controles e regulações dos corpos surdos em espaços variados. Nesse escopo, o objetivo geral deste estudo é problematizar a emergência, constituição e institucionalização do Tradutor e Intérprete de Libras e Português. Paralelo a isso, a pergunta principal que suscita esta pesquisa é: compreender como são produzidos os modos de resistências surdas a partir das práticas e experiências dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português no contexto escolar?

### **Continuando a conversa: questões teórico-metodológicas**

Pensar a emergência, constituição e institucionalização dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português requer um esforço de caminhar em direção a uma perspectiva histórica. Isto é, trazer à tona acontecimentos anteriores, experiências e práticas dos sujeitos participantes desta pesquisa. Fazer esse resgate é um exercício de mostrar como que, no interior das relações de poder, emergem modos de resistências que possibilitam a constituição de diferentes sujeitos em suas práticas:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir (FOUCAULT, 2003, p. 10).

Como contar pelo viés histórico elementos que nos ajudem a narrar de outro modo a memória dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português? Entendemos que, ao nos propor dialogar sob as lentes foucaultianas, não buscamos soluções ou verdades, visto que fomos provocados constantemente com novas perguntas que despontaram durante a escrita.

Essas inquietações nos fizeram entender que precisaríamos buscar uma metodologia que permitisse conhecer a história contada pelos sujeitos, produzindo e problematizando dados, além de provocar os sujeitos a pensar sobre possíveis formas de subjetivação a que porventura são conduzidos. Paralelo a isso, instigá-los a questionar os diversos discursos e verdades que carregam consigo: “[...] informações fundamentais acerca do vivido e que possibilitam uma interpretação (mesmo que provisória e parcial) (ANDRADE, 2014, p. 175).

As narrativas, segundo Andrade (2014), são atravessadas por relações de poder construídas em torno dos discursos produzidos e/ou inventados, porque não, pelos próprios Tradutores e Intérpretes de Libras e Português.

Esses personagens, neste estudo entendidos como narradores principais, são compostos de diferentes histórias, singularidades e discursos sobre a prática desse profissional, “[...] visto que são os discursos deles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios, desclassificação, de

ordenação, de distribuição de discurso: a do acontecimento e do acaso” (FOUCAULT, 2013, p. 2).

A nossa inclinação metodológica nos viabilizou ir ao encontro dos saberes de Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, procurando compreender como são modeladas as relações de poder que circulam pelas mais diversas construções discursivas, especificadas desta forma por Michel Foucault:

Não tento encontrar atrás do discurso uma coisa que seria o poder e que seria sua fonte, como em uma descrição de tipo fenomenológico ou de qualquer método interpretativo. Eu parto do discurso tal como é. Em uma descrição fenomenológica, tenta-se deduzir do discurso algo que concerne ao sujeito falante; trata-se de reencontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante, um pensamento que está se formando. O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois fora do discurso. O poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 120).

Vale destacar que as narrativas não tiveram o compromisso de explicar fatos ou acontecimentos específicos; elas foram compartilhadas de forma natural e por vezes denunciaram situações, algumas até embaraçosas, que os narradores vivenciaram ao longo de suas experiências de inserção na comunidade surda.

Ao reproduzir alguns fragmentos narrativos, procuramos ressaltar como cada um desses sujeitos, por meio de suas práticas e experiências, mesmo em tempos e espaços diferentes, nos permite perceber como foi construído o percurso do Tradutor e Intérprete de Libras e Português, tanto no Brasil, especificamente no estado do Espírito Santo.

Os relatos compartilhados foram registrados por aplicativo de mensagens (texto e áudio) e por e-mail. Nestes, os sujeitos descreveram suas histórias em relação aos surdos, a aquisição da Libras e a suas trajetórias profissionais, o que nos motivou a compreender e problematizar as práticas, discursos e verdades descritas.

Quanto aos sujeitos selecionados para esta pesquisa, entrevistamos pessoas com experiência na área da tradução e interpretação de Libras e Português, que estavam atuando – na ocasião deste estudo - ou que já atuaram, em qualquer área, independente da sua idade, religião, gênero ou formação acadêmica. Foram entrevistados doze sujeitos

com idades entre 29 e 55 anos, sendo cinco de outros estados da federação e sete oriundos do estado do Espírito Santo.

Entre os participantes, oito relataram que a aproximação com a Libras ocorreu em alguma instituição religiosa, pelo contato com amigos surdos ou, ainda, devido a algum curso feito oferecido pela instituição religiosa, sendo realçado por eles que essas experiências foram importantes para a sua escolha profissional. Três dos entrevistados são filhos de surdos (Codas), tendo, portanto, contato com a Libras desde a tenra idade, e em muitas oportunidades atuando de modo informal em contextos tradutórios e interpretativos.

Na época das entrevistas, oito atuavam como Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, sendo que quatro trabalhavam no ensino básico, dois no técnico, dois no superior e os outros quatro em trabalhos esporádicos. E a fim de garantir o anonimato dos entrevistados e ao mesmo tempo em que concordavam em responder as questões levantadas nessa pesquisa, criamos o termo de consentimento livre e esclarecido (TLCE), que foi assinado por todos os TILSP que concordaram em participar deste estudo.

Os relatos contemplaram as experiências vivenciadas pelos narradores, suas práticas e atitudes de resistências às relações de poder que atravessaram em algum momento as suas trajetórias profissionais. Descrições que nos forneceram pistas para compreender a emergência, a constituição e a institucionalização dos Tradutores e intérpretes de Libras e Português no Brasil e no estado do Espírito Santo.

### **Resultados: modos de resistir**

Perante tantas alternativas de resistências testemunhadas nos relatos, proponho-me pensar sobre duas delas, que podemos nomear como: a) Resistência Utópica, que pelas lentes foucaultianas pode ser entendida como aquela constituída pela mobilização, pela projeção de um mundo melhor; e b) Resistência Infame, que pode ser conduzida pela possibilidade de experiências que fogem às relações de poder e aos saberes instituídos.

A fim de pensarmos num modo de resistir utópico, recorreremos a alguns eventos primordiais na formação das narrativas resistentes dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português historicamente constituídas.

Em abril de 1999, entre os dias 20 e 24, aconteceu na cidade de Porto Alegre, no salão de atos da reitoria da UFRGS, o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue, no qual foi elaborado um documento pela comunidade

surda intitulado “A educação que nós, surdos, queremos”, segundo o qual a “resistência surda nesse momento foi um marco histórico no cenário brasileiro” (CARVALHO, 2016, p. 28).

Dentre as 147 metas propostas no documento, compartilhamos abaixo as que envolvem diretamente a figura do Tradutor e Intérprete de Libras Português. Algumas delas já foram alcançadas, outras ainda são emergentes. Dentre as que se relacionam com o nosso objeto de pesquisa, citamos:

- [...] Buscar recursos para a manutenção de uma Central de Intérpretes para atender aos surdos de Classe Especial, de Integração e Faculdades. - Nos concursos vestibulares os surdos devem contar com intérpretes na ocasião das provas e a prova de português deve ter critérios especiais de avaliação. - Considerar que as escolas de surdos devem ter intérpretes em todos os eventos e para os momentos de diálogo com a família de pais surdos e entre familiares ouvintes e filhos surdos. - Assegurar o direito da presença do Intérprete de Língua de Sinais no decorrer do concurso de vestibular. - Garantir a existência de intérpretes contratados pela universidade, assegurando ao surdo condições semelhantes de seus colegas ouvintes. - Propor que intérpretes reconhecidos pelas Associações e Federações de Surdos, possam atuar nas universidades, sempre que houver solicitação e interesse de ambas as partes.

Considerar que a formação universitária dos intérpretes é necessária para garantir a formação do profissional surdo.

Percebemos que além da necessidade de garantir a presença do Tradutor e Intérprete de Libras e Português em todo o contexto escolar, a exigência com a formação desse profissional também é posta como meta, reforçando que sua presença e qualificação são fundamentais para o sucesso educacional do sujeito surdo.

Michel Foucault (2013), no ano de 1966 proferiu nos dias 07 e 21 de dezembro duas conferências radiofônicas nas quais ele discutiu as possibilidades do corpo e suas utopias. Para ele, estas se fazem presentes em todas as sociedades, como um ideal de civilização. O autor a analisa como uma imagem, uma ideia que não é verdadeira, mas que representa uma versão de uma sociedade justa para todos, em que a felicidade seja plena, um ideal fantasioso, mas que poderia ser realizado:

De qualquer forma, uma coisa é certa: que o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. Afinal, uma das utopias mais antigas que os homens contam para si mesmos não é o sonho de corpos enormes, desmesurados, que devorariam o espaço e dominaram o mundo? (FOUCAULT, 2013, p. 09).

Um Tradutor e Intérprete de Libras e Português que esteve presente nesse evento de 1999 nos relatou:

Abril de 1999. Era o quinto congresso latinoamericano de educação bilíngue, onde o Skliar era o coordenador geral [...]. Então foi a primeira vez que recebi e quem pagou foi a Feneis. Interessante isso porque foram dois anos de trabalho em conjunto com grupo de Skilar, a gente trabalhando, se preparando, e foi então que um grupo de intérpretes se organizou e nós fizemos até um retiro no final de semana. Nós tínhamos todas as palestras, inclusive a palestra do Jimi Carrel, aquele inglês da universidade de Bristol; a da Bárbara, uma americana e outras pessoas da Universidade Gallaudet dos EUA. E foi assim que a gente se preparou muito esse evento: deixamos as palestras prontas, os surdos participaram muito para nos dar os sinais, os surdos também fizeram palestras e a gente então passava para Português e assim foram dois dias de retiro intenso. E então estávamos prontos para esse congresso de educação bilíngue lá em POA. E eu sei que isso ajudou profundamente na questão da publicação, divulgação desmistificação e de levar a figura do intérprete como importantíssimo em um evento onde surdos e ouvintes se encontram e foi então que eu tive meu primeiro pagamento (INTÉRPRETE R).

Destarte, da mesma forma que tentamos ocupar lugares que projetamos e desejamos, também emerge o movimento inverso, o de escapar desses locais, com tentativas de afastamento das regras e restrições para continuarmos a ter respostas sobre os nossos desejos, sejam esses ambientes institucionalizados ou não.

Nosso processo civilizatório, articulado em torno dos modos de desenhar e administrar lugares reais, não deixou de conceber e produzir, também, lugares irreais, enquanto espaços sem um local fisicamente determinável. As utopias se configuram como espaços não existentes em que investimos nossas expectativas individuais e coletivas. Como produção imaginária, elas precisam de um ponto do qual se irradiem. Por isso, são sempre reflexo de uma dada sociedade, em positivo ou negativo (GOMES, 2010, p. 38).

Esse movimento ocorrido em 1999, que culminou na elaboração do documento “A educação que nós surdos, queremos”, se expandiu e inspirou várias comunidades surdas pelo Brasil a lutarem pelos seus direitos, e não foi diferente no estado do Espírito Santo, como nos relatou um participante:

A movimentação foi muito positiva, pois até então eram grupos separados, igrejas, associações, não me recordo de outro movimento, surdos e intérpretes, lembro que na época foram basicamente os Codas, lembro muito bem, eu, o Josué, a Keli, a Lucienne, e aí foi muito bacana, um movimento que foi um marco capixaba. Me lembro que esse movimento foi importante porque, depois das políticas nacionais, os surdos capixabas estavam querendo buscar os espaços, principalmente na educação. O movimento foi pautado bastante para esse lado, valorizar a língua de sinais, singularidade linguística, a questão da própria surdez (INTÉRPRETE E).

Como relatado anteriormente, em 26 de setembro do ano de 2005, na cidade de Vitória - ES, também ocorreu um movimento de resistência com a presença da comunidade surda capixaba, familiares e Tradutores e Intérpretes de Libras e Português, como nos descreveu Costa (2007):

Uma segunda-feira chuvosa, em frente à Prefeitura de Vitória, inicia-se um protesto surdo em favor de melhores condições educacionais e sociais a fim de garantir sua inserção na sociedade como um todo [...]. Aconteceu em Vitória, capital do Espírito Santo. Tal protesto, não tão silencioso assim, reivindicava educação, saúde, acessibilidade, intérpretes, ou seja, cumprimento das leis que já existem (COSTA, 2007, p. 101).

Segundo a autora, durante uma semana aconteceram passeatas, audiências com autoridades, palestras e divulgação em massa do episódio pela mídia local. Na ocasião, foi escrito “O Manifesto da Comunidade Surda Capixaba”, que continha um resumo dos anseios dos participantes do movimento, sendo que “cópias do resumo desse manifesto foram distribuídas pela cidade na passeata, como panfletos [...] e o texto completo foi entregue aos governantes, como o prefeito e o governador (COSTA, 2007, p. 102). Um dos trechos do manifesto defendia:

[...] Por intérpretes qualificados uma vez que somos usuários de uma língua que não é compartilhada por todos. [...] queremos que os mesmos conteúdos que são passados aos ouvintes sejam passados a nós ao mesmo tempo pela via visual através do intérprete (COSTA, 2007).

Já pensando em uma outra possível forma de resistir, em seu artigo “A vida dos homens infames”, publicado 1977, Foucault (apud NAIDIN, 2016), empregou o termo "infame" para designar vidas ignoradas, esquecidas e cujo enredo não possuía lugar na história. O filósofo se debruçou sobre registros históricos de internatos, petições direcionadas ao rei com ordens de prisão entre outros documentos que foram emitidos durante os séculos XVII e XVIII. Ele se ateu àquelas passagens que diziam respeito a sujeitos que, durante a sua vida, passaram quase despercebidos, sem desfrutar de nenhuma notoriedade, sem usufruir de um reconhecimento público; vidas que se chocavam com o poder, com os discursos e saberes estabelecidos pela nossa modernidade, por isso foram nomeados como infames.

Vidas efêmeras de homens e mulheres que, em razão da obscuridade e do silêncio atribuído às suas condições bizarras de impossibilidade de conciliação entre vida e discurso, só tiveram suas existências registradas porque, em algum momento, por uma convergência de acasos, cruzaram-se com um regime de poder e criaram uma faísca em sua pretensa limpidez (NAIDIN, 2016, p. 1035).

Na trama histórica onde estão envolvidas as relações de sujeitos surdos situados historicamente à margem da sociedade, podemos analisar a concretude do Tradutor e Intérprete de Libras e Português como uma resistência infame, como uma alternativa diante de incertezas, sendo que a sua atitude “[...] pulveriza e espraia as dimensões de



possibilidades de experiências de rompimento com o localizado, o hegemônico, o homônimo (CARVALHO, 2014, p.104).

O Tradutor e Intérprete de Libras e Português, ao vivenciar as suas lutas e hastear suas bandeiras, que de um modo ou de outro são concretizadas no âmbito das políticas públicas, acaba muitas vezes se perdendo nos festejos e de alguma forma, não é notado, valorizado, dignificado, mas apesar de tudo:

[...] faz girar as experiências mais reais, menores, nem sempre vistas e valorizadas, mas que estão lá, aqui, além de aqui: em todos os recantos, formas, experiências de sala de aula - no prédio, na roça, na tapera, sob a árvore, entre quatro paredes, nos cem lugares possíveis” (CARVALHO, 2014, p. 103).

Com a sua experiência e o seu conhecimento voltados para o acontecimento, um novo modo de resistir se manifesta. Seria então esse sujeito, de certa forma, um infame? Afinal, ele se torna um personagem importante nessa trama histórica. Esse processo aparentemente descontínuo faz muito sentido para quem está envolvido, e a sua necessidade e a dos que estão envolvidos diretamente os pertencem.

A partir daí sei que além do domínio da Libras, se faz necessário quebrar o paradigma da exclusão e já tivemos um grande avanço, mas precisamos construir junto à sociedade o entendimento de que o Surdo não é uma caixinha com defeito e isso não é fácil. Após este tempo no Ensino Médio e Fundamental estou realizando um sonho, estar na sala de alfabetização de surdo trabalhando na proposta bilíngue, juntamente com a professora buscamos trabalhar as competências da criança, suas habilidades e principalmente meu objetivo construir sua identidade Surda e a sua autonomia (INTÉRPRETE J).

Esses indivíduos são chamados de infames não como julgamento moral de seus atos; eles são assim entendidos em seu sentido específico, rigoroso, referindo-se ao cidadão comum e a todas as vidas que estão ao seu redor, em princípio destinadas a não deixar nenhum tipo de rastro e estarem sujeitas a passar despercebidas pela humanidade; por isso, não são famosos e "não compõem com nenhuma espécie de glória" (FOUCAULT, 2006, p. 210).

A resistência infame dessas pessoas nos presenteia com suas experiências que poderiam estar fadadas ao esquecimento diante da memória excludente vivenciada pela comunidade surda. E com suas potências negligenciadas, enxergam nessa possibilidade o rompimento com “[...] os tipos de ligações estabelecidas entre o poder, a verdade, o discurso e o cotidiano, à medida que levam em consideração todo o tipo de relação que está em jogo na constituição de subjetividades (CARVALHO, 2014, p. 104).

Em 1989, aconteceu o primeiro *The Deaf Way*. É um evento de cultura, identidades surdas nos EUA, na capital americana em julho de 1989, durante uma semana. É um evento que vem surdos de todas as partes do mundo, eles trazem o seu circo, o seu teatro, a sua poesia, sua forma de se expressar culturalmente. Das mais diferentes formas, eu fiquei maravilhado e foram dias maravilhosos. O Brasil também participou, por que tinham inúmeros *workshops*, mini palestras. O evento foi na Universidade Gallaudet, depois aconteceram outros eventos como esse em outros países. A forma de ver o surdo, o caminho, e tudo organizado por surdos, tinha um monte de intérpretes, quando eu vi aquele salão enorme, cheio de intérpretes de diferentes línguas de sinais, eu fiquei assim deslumbrado... eu fui o intérprete brasileiro que foi para esse evento, quem mais foi para esse evento? Eu, Antônio Campos de Abreu, Ana Regina e Souza Campello e também o professor Fernando Valverde, surdos referência no Brasil. As experiências e aprendizados foram inúmeras, incontáveis, grandiosas, exemplares, modelos para o resto da minha vida (INTÉRPRETE R).

A potência por parte do Tradutor e Intérprete de Libras e Português a partir da sua resistência infame, seja da criação, da descontinuidade, da possibilidade de acontecimento, emergiu no momento em que esse movimento foi singular e voltado para a constituição variável e possível de sujeitos. Permitir produções diferentes do que é “autorizado”, modos de viver e experimentar o mundo, inverter a ordem das coisas, o torna instrumento de outras conexões de experiências e possibilidades.

Ser uma resistência infame diante das múltiplas possibilidades de sujeição instaladas nas relações humanas e no corpo social, possibilita ao Tradutor e Intérprete de Libras e Português se posicionar no fluxo das ações e com seus gestos, mesmo que pequenos, que emergem como uma afronta aos “[...] canais de forças reprodutoras do modo de ser” (CARVALHO, 2014, p. 104).

### **Considerações... finais?**

Este texto objetivou trazer à tona a discussão sobre as resistências surdas nas narrativas dos tradutores e intérpretes de Libras. Assim, trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado intitulada: “Resistências surdas: quando as narrativas dos tradutores e intérpretes de libras e português nos contam as histórias”.

Após discutirmos as questões teórico-metodológicas, trazemos reflexões nas narrativas dos Tradutores e intérpretes do par linguístico Libras e Língua Portuguesa sobre como as formas de resistências surdas formam esses sujeitos TILSP em suas próprias formas de existir.

A partir de diferentes formas de existir TILSP no mundo, trouxemos duas possibilidades de resistências a utópica e a infame. Cada uma com seu modo de existir representa como as resistências surdas dão um tom fundamental nas resistências dos Tilsp.

## Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: Dagmar Estremam Meyer, Marluicy Alves Paraíso. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 2 ed. Belo Horizonte, 2014, v. 1, p. 175-196. 10

CARVALHO, Antônio Filordi de. **Foucault e a função-educador**. Coleção Fronteiras da Educação, São Paulo, 2014.

CARVALHO, Daniel Junqueira de. **Não basta ser surdo para ser professor: as práticas que constituem o ser professor surdo no espaço da inclusão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA, Lucyenne Matos da. **Traduções e marcas culturais dos surdos capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história**. 2007. 186f.: il.

FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Poder e Saber. In: MOTTA, Manoel de Barros de (Org). Michel Foucault: estratégia, poder-saber. **Ditos & Escritos**; IV. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GOMES, Mayara Rodrigues. Avatar: Entre utopia e heterotopia. **Matrizes**, Ano 3 – nº 2 jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2vTFbMG>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, Maura Corcini; DAL'IGNA, Maria Cláudia (Org). **In/exclusão nas tramas da escola**. Canoas: ULBRA, 2007. p. 11-34.

LOPES, Maura Corcini; MORGENSTERN, Juliane M. Inclusão como matriz de experiência. **Pro-Posições**, vol. 25, nº 2, Campinas, SP, 2014.

NAIDIN, Julia. Vidas Heterotópicas, Vidas Infames, Vidas Outras: um percurso antropológico no pensamento de Foucault. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 1027-1048, set./dez. 2016.